



**REDATOR:** Melchiades Montenegro. **E-mail:** Melchiades Montenegro@gmail.com **Fone:** (81) 986960041

**ANO:** 02

**ABRIL/2018**

**Nº 23**

**Diagramação:** Antônio Neto.

**Revisão:** Carlos Bezerra Cavalcanti

### EDITORIAL

*...Tudo em vorta é só beleza  
Sol de Abril e a mata em frô...*

Música: ASSUM PRETO

Composição de: Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga

No início uma pequena nota do INSTITUTO DE ATIVIDADES ESPACIAIS (IAE), pertencente ao CENTRO TÉCNICO AEROESPACIAL – CTA, em São José dos Campos, São Paulo, alertou que as previsões eram de que no ano de 2018, haveria chuvas regulares no Nordeste Brasileiro depois de seis anos de seca.

Existem dois tipos de seca: seca verde e seca branca. Seca verde: chuvas esparsas irregulares pintam a caatinga de verde, mas não junta água nos barreiros não existindo condições para a lavoura. Seca branca: as precipitações são insipientes até para mudar o aspecto vegetal que continua cinzento – tudo morre.

Seis anos de Seca verde e Seca branca até que um ribombar lá para as bandas do Sertão do Piauí fez o sertanejo orar com mais fervor, com os olhos fixos no belo azul do mês de abril. E as notícias de chuvas foram se avolumando igual aos regatos que iniciaram a correr, primeiro tímidamente, depois velozes em inúmeras cavalgadas.

E foi um tal de revolver os roçados, arrancando as antigas touceiras estorricadas. Em questão de dias, antigos pajeús, mandacarus, juremas e moleques duros entre centenas de outras plantas floriram em uma explosão de alegria. Ano bendito, esse de 2018, quando a seca não flagelou o Nordeste Brasileiro e a água benta desceu do céu para a felicidade dos homens.

**Melchiades Montenegro**

### O GORJEIO

*Recife, 06 de maio de 2018.*

Nenhuma gota d'água

Esturricada vegetação

Gado cambaleando magro

Do rio seco fez-se estrada

Esperança partiu

Deixou sementes plantadas

Nenhum grão germinou

Só a fome brotou

Calor evapora as lágrimas

Suor pinga nas mãos

A enxada abre mais uma cova rasa

Nenhum fio de algodão para tecer a mortalha

Nuvens de poeira envolvem dor encarniçada

Urubus e carcarás espreitam a morte avançar

Quando mais nada resta a gestar

Pintassilgo pousa e gorjeia sobre uma flor

Mandacaru em floração faz anunciar

Chuvas e benções sobre o sertão.

**Olívia Beltrão**

## BENFAZEJO

O hálito do inverno chega,  
em lufadas de esperança.  
Largas camadas derramam na terra,  
odores das vestes de chuvas,  
alargam-se em festins à natureza  
onde a seca fenece.  
A Buriti não mais terá choro  
no seu longo cantar.

Elizabeth Brandt

"Bico de pena" de uma floração de MOLEQUE DURO  
que flora quando caem as primeiras chuvas.



Melchades Montenegro

**Moleque Duro**

Moleque Duro é uma espécie endêmica do Bioma Caatinga. Existe em alguns estados do Nordeste, inclusive Pernambuco. A madeira dessa espécie é dura e resistente, muito utilizada no sertão, no feitio de cercas. As folhas são usadas na alimentação de animais. Possui flores brancas e de grande beleza. Uma fonte importante de pólen para as abelhas.

Antonio Neto

## Chegando à velha terra

Lourdes Nicácio e Silva

Dezoito horas. A paisagem sertaneja resumia-se em gravetos, cactos, arbustos esfarrapados e um sol vermelho como brasa a incendiar, do céu, a barra cinzenta semelhante à de uma velha saia.

No inverno, o sol despede-se da tarde, agasalhando em tudo, com mansidão, sua luz amarelo ouro. Ouvem-se os animais, as pessoas, os riachos. Douram-se os roçados, as estradas, os açudes, as casas e seus terreiros. Douram-se, também, os sonhos. Na seca, os últimos raios do sol, ainda que valentes como lâminas de fogo, deixam-se vencer entre chamas de escuridão. Não se realiza o grande espetáculo do pôr do sol. Apenas o mormaço, o cheiro de ervas esturricadas, a areia quente, o desespero dos que tentam resistir.

Para os que residiam na Fazenda Baixio, entretanto, o que contava mesmo, naquele final de tarde, era a emoção, a alegria, o milagre de um reencontro feliz:

– Madalena, meu bem-querer, por que voltou sem chover?

– Maior que a seca da terra, José, era a saudade.

No terreiro, abraçados, juntamente com os filhos Zeca e Toinho, escutavam, com alegria, os vizinhos que se aproximavam:

– Professora! Madalena!

– Meus alunos! Quanta saudade! – exclamava com alegria a recém-chegada, enquanto lhes enchia as mãos de presentes.

– Mulher, filhos amigos todos, guardem essas coisas lá dentro e voltem logo. Precisamos agradecer a Deus porque estamos novamente todos juntos, – falou José com firmeza.

Saíram e retornaram sorridentes. De mãos dadas, formaram um círculo. Oraram em silêncio, até que Toinho e Zeca gritaram, apontando, com os dedos, relâmpagos e nuvens em alvoroço:

– Pai, mãe, todo mundo olhe o céu!

Um vento fresco já chegava espalhando um cheiro de terra molhada. Os meninos pulavam, mas os adultos ficaram estáticos. Começaram a cair grossos pingos de chuva, molhando-lhes as vestes, os cabelos, a terra seca.

Foi então que gargalharam. Sapatearam sacudindo lama. Aplaudiram o céu com um “Deus-seja-louzado” e gritaram. Com o grito mais doce de sertanejo que era: Chuuuuaaaaaaaa!!!!!!!

(In “Os dois mundos de Madalena”, 1999/2014)

## Biografia

### Samuel Rodrigues Carneiro Campelo.

Nasceu na cidade de Escada, estado de Pernambuco, no dia 12 de outubro de 1889, e faleceu em Recife, a 10 de janeiro de 1939. Poeta, jornalista, humorista, historiador e escritor teatral. Redator dos diários: *A Tarde*, *A Província*, *A Notícia e Diário de Pernambuco*.

Fundou o grupo Gente Nossa do Recife. Membro da academia de Letras e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Livro Publicado: "Escada e Jaboatão". Sua memória é homenageada com um busto de bronze no Teatro de Santa Isabel.

Foto de Samuel Campelo



Fonte: basilio.fundaj.gov.br/pesquisascolar

## Versos Como se Ainda Eu Fosse Daquele Tempo

Pelo poeta Samuel Campelo

Esta praça – eu bem me lembro –  
Nos tempos de colegial  
Era de março a novembro,  
Nosso quartel-general

A menina estúrdia  
Do curso de madureza  
Suas gazetas fazia  
Aqui junto à Natureza

À sombra dessas palmeiras,  
De estátuas nos pedestais,  
Escrevíamos asneiras  
Em versos para os jornais.

Migalhas de pães de milho  
Jogavam-se ao jacaré  
- jacarezinho inda filho –  
Que quase me morde até.

Sujando a boca de sarro  
Aqui fumei – tentação! –  
O meu primeiro cigarro  
De um macinho de tostão...

E hoje – as mesmas palmeiras  
Inda estão, tudo é igual...  
Até mesmo estas asneiras  
São as de um colegial.

Mas a saudade começa  
Junto de mim a rondar  
E eu fecho o livro depressa  
Somente pra não chorar...

## Recife (Trova)

Recife nossa Veneza  
De emaranhados de rios  
Quão bela é a natureza  
Vencendo os seus desafios.

Antonio Neto



## PRIMEIRA FEITORIA RÉGIA

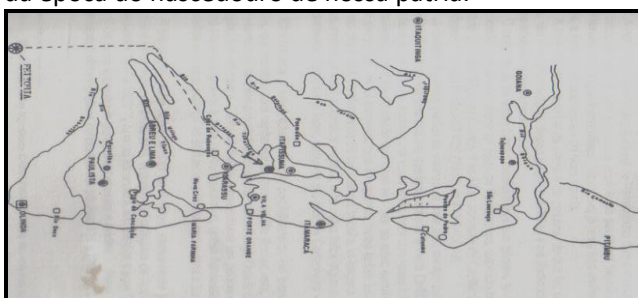
Por Carlos Bezerra Cavalcanti

A melhor qualidade do pau-brasil encontrado no litoral pernambucano, aliado à sua posição geográfica, estrategicamente colocada em relação ao continente europeu e a malha fluvial existente na região limítrofe das antigas capitanias de Itamaracá e de Pernambuco, hoje ocupada por Cruz de Rebouças, Paratibe, Itapissuma, Itamaracá, Nova Cruz e Catuama, foram causas do surgimento do primeiro e mais importante passo, com destino à formação, ou seja, ao nascedouro da Colonização do Brasil.

A região, posteriormente conhecida como sítio dos marcos, bastante frequentada pelos corsários europeus, oferecia todas as facilidades, qualidades e quantidades, sendo essas aparentemente, as causas plausíveis para a construção, em 1516, por Cristóvão Jaques, da **primeira feitoria régia do litoral brasileiro**, sem dúvidas, um dos mais relevantes feitos para a formação da futura Nação brasileira.

Em sua primeira viagem (1516-1519), Cristóvão Jaques, estabeleceu, segundo as próprias palavras de D. João III, na Carta de Doação da Capitania de Pernambuco: **"A primeira casa de minha feitoria na margem continental do rio que cerca em redondo a Ilha de Itamaracá"** (José Bernardo Fernandes Gama, *Memórias históricas da província de Pernambuco*) (1844/48) Pg. 43.

Segundo deduções do Prof. José Antônio Gonçalves de Mello, a **Casa da Minha Feitoria** "estava localizada no Continente, pois era este o território concedido ao donatário de Pernambuco." Ficou com o dito Duarte Coelho a terra da banda sul do dito Rio (entenda-se do Canal) onde Cristóvão Jaques fez a primeira casa da minha feitoria (grifo nosso). A cinquenta passos dela pelo rio adentro (isto é, pelo Canal acima) do longo da praia determinou o Rei que fosse levantado um padrão de minhas armas. "Situava-se, portanto, a Casa da Feitoria no fundo da Barra Sul do Canal de Itamaracá." Levantada, como vimos, por ocasião da primeira visita de Cristóvão Jaques às terras brasileiras em 1516, essa feitoria, em 1526 na ocasião da passagem por Itamaracá desse feitor, ainda se encontrava lá como testemunha da época do nascedouro de nossa pátria.



Mapa: Localização da Feitoria Régia/PE. Carlos Bezerra Cavalcanti.

## Foto Histórica. Reunião da ARL de abril de 2018



## Lenda do Teatro Santa Isabel



No coração do Recife, em frente à Praça da República, ao lado dos Palácios do Governo e da Justiça, fica o imponente prédio do Teatro de Santa Isabel, um primor da arquitetura neoclássica do século XIX. Sua construção foi iniciada pelo engenheiro francês Louis Lérger Vauthier em 1841. Voltando este à França em 1846, a obra foi concluída pelo engenheiro brasileiro José Mamede Alves Ferreira, em 1850. Mas, por trás de uma fachada imponente, cheia de significados para a história de Pernambuco, o Teatro de Santa Isabel esconde mistérios insondáveis. Nos camarins, na plateia, nos corredores e camarotes, desfilam visagens e são ouvidos sons arrepiantes que se confundem com as muitas lembranças guardadas no prédio. "O que se murmura entre os empregados antigos e discretos do Teatro Santa Isabel é que em noites burocraticamente silenciosas se ouvem no ilustre recinto, ruídos e aplausos, palmas, gritos de entusiasmo de uma multidão apenas psíquica. Mas sem que se possa precisar a que ou a quem são os seus aplausos de bocas e mãos que não aparecem."

Fonte: [HTTP:// www.assombrado.com.br](http://www.assombrado.com.br)

**F I M**